

014

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO DF.

-ENTREVISTADO: Renée Simas.

-ENTREVISTADORES: Wanda Cozetti e Vera Catalão.

-DATA: 07.11.89.

CONTINUAÇÃO:

...ele se localizando na sala de aula através do seu quadrado, quer dizer, ele se individualizando e ele se sentindo parte do coletivo. Isso, ao mesmo tempo, com exercícios livres onde ele experimentava. E aí é que começa a contradição do ensino da própria cidade, das propostas governamentais. Ao mesmo tempo que se dizia, que se tinha liberdade total de experimentar, quando eu comecei a introduzir ou qualquer coisa nesse sentido assim, mais livre, nós começamos a ter problemas, porque não podia sujar a carteira, porque não podia modificar o espaço da sala de aula e porque o outro professor que entrava depois não queria a carteira suja, não queria fora do lugar. Então, quer dizer, isso era o mínimo da contradição. E começou a surgir isso também na própria equipe. Enquanto uns queriam experimentar, os outros, na realidade, não estavam tão dispostos, porque toda experimentação te obriga a um estudo, a uma pesquisa e à dificuldades, não é? Então, se você vai usar tinta, realmente sabendo que vem um professor de português ou você tem que limpar as carteiras ou tem que disciplinar aquela criança de primeira série, que ele também tem que limpar, que ele tem que contribuir para que essa organização... Então, mais de uma vez, nós fomos chamados à diretoria, por causa sempre de, afinal de contas não era bem aquilo, não é? Mas, a gente tinha, mais ou menos, a convicção, não das certezas, mas de que valia a pena insistir na experimentação. E aconteceu assim, um outro fato, que levou a gente acabar conseguindo no meio do ano, uma sala separada só para aula chamada de: Desenho. E aí nessa sala, a gente podia realmente não ter aquela preocupação; claro que a gente continuava limpando as coisas. Isso era uma coisa inerente da própria atividade, porque liberdade, absolutamente, não está ligado nem à sujeira, nem desperdício -

cio de material; muito pelo contrário. É pela valorização desse material. Mas aí sem aquela, como era... a medida em que o volume ia crescendo e as turmas iam aumentando, essa limpeza em 10 segundos de uma sala para outra é difícil. Nós conseguimos. E conseguimos também, que ficasse isso de uma maneira mais forte, porque tinham alunos de primeira, segunda, terceira e quarta série. E eu dava aula para um aluno de primeira série e tinha um irmão que frequentava a terceira ou quarta. E o pai era o mesmo dos dois e uma vez pediu assim, lá pelas tantas, pediu uma reunião com a direção da escola para saber como é que era numa proposta moderna, como é que aconteciam duas coisas tão conflitantes numa mesma escola, de um aluno estar super satisfeito, se sentindo, podendo se expressar, se sentindo realmente gente e o outro detestando, não podendo ouvir falar em desenhos? E o pai era arquiteto. Então, ele conseguia, mais ou menos, entender, não é? E aí, bom, foram chamados os professores, ninguém sabia para que que era, para explicar exatamente o que que se passava, quais eram as linhas filosóficas e o que que estava se fazendo na escola. Aquela : prestar conta para o pai do que que estava se fazendo. E cada um defendeu o seu ponto de vista e aonde estava se baseando para experimentar. E prevaleceu esse lado experimental. Ficou prevalecendo esse lado experimental. Então, no ano seguinte, quer dizer, esse ano nós levamos até o final e no ano seguinte foi, aí separou a escola. Os do segundo grau passaram para o chamado: Elefante Branco, que era o centro de ensino médio... (ENTREV.: QUE ANO FOI ISSO?) - Em 61. No início de 61, já começamos no Centro de Ensino Médio.

PERG.: ONDE VOCÊ DAVA ESSAS AULAS?

RESP.: Na CASEB, porque na CASEB tinha o ginásio, tinha tudo; e tinha um barracão que funcionava a Escola Normal e o segundo ciclo. E em 61... (ENTREV.: JÁ TINHA ESCOLA NORMAL NAQUELA ÉPOCA?) - Já tinha Escola Normal! Em 61, aí passou todo mundo para o Elefante Branco, que era o Centro de Ensino Médio em Brasília. O Elefante Branco, porque todo mundo que conhece, ele tem aquelas pilastras e ele já era

para estar pronto quando nós chegamos. Então, a gente passava o ano inteiro e aquele elefante branco... quer dizer, (ENTREV.: O APELIDO APARECEU AÍ?) - É! Começou aí, porque não ficava pronto; aquele prédio com aquelas patonas e to do mundo esperando ficar pronto para passar para lá, não é? E só em 61 passamos.

PERG.: ISSO É MUITO COMUM NAS ENTREVISTAS SOBRE A HISTÓRIA DE BRASÍLIA, LÁ DO ARQUIVO APARECIA ESSA PARADA DE OBRAS DO GOVERNO: JÂNIO QUADROS, QUE TOMA POSSE EM 1960. QUER DIZER, ESSA DEMORA DO ELEFANTE BRANCO, ESTARIA RELACIONADA A ESSE PROBLEMA GERAL QUE...

RESP.: Eu acho que sim! Olha, o programa de metas do Juscelino e dentro dele a construção de Brasília, foi acelerado o máximo; mas, em 60, quando ele inaugurou a cidade, as coisas estavam começando, não é? Ele não tinha pronto. Tinha assim, uma ou outra, alguns blocos, algumas super-quadras, mas não tinha, a cidade estava começando. Então, as verbas também foram escassejando-se. Todo final de governo, todo mundo sabe como é que é, não é? Então, eu acredito que no próprio cronograma lá do Ministério da Educação, deve ter diminuído, não é? Então, o Elefante que deveria ter ficado pronto para a inauguração, só ficou pronto no ano seguinte, em 61, que aí já deu para, realmente, se começar a trabalhar lá. E o Elefante Branco, ele era dividido em departamentos, com uma experiência assim, que eu acredito muito boa mesmo, do ponto de vista de ensino.

PERG.: VOCÊ FOI PARA O ELEFANTE BRANCO?

RESP.: Fui!

X PERG.: O ENSINO MÉDIO ERA (INCOMP) ?

RESP.: Era o segundo grau! Então, foi o científico, clássico, técnico e normal. E o Ginásio continuou no CASEB.

PERG.: JÁ ERA DIVIDIDO COMO: EM CIÊNCIAS EXATAS, CIÊNCIAS NATURAIS, SEGUNDO GRAU? TINHA AQUELAS SUB-DIVISÕES JÁ DIRIGIDAS PELA UNIVERSIDADE?

RESP.: Não, não! Era científico aquela divisão clássica: Clássi-

co e científico, normal e técnico.

PERG.: MAS SE SUB-DIVIDIAM, NÃO É?

RESP.: Não! Não se sub-dividiam.

PERG.: QUANDO QUE COMEÇOU ESSA DIVISÃO? VOCÊ SE LEMBRA?

RESP.: Olha, aí já não sei, não me lembro mais. Isso aí eu não sei.

PERG.: EXISTIA ESSES QUATRO CURSOS NO ELEFANTE BRANCO?

RESP.: É! Tinha! O técnico era: Eletrônica e contabilidade.

PERG.: A NOVIDADE FICAVA POR CONTA DOS DEPARTAMENTOS?

RESP.: Ali era um colégio, que era dividido em departamentos e a direção realmente era colegiada. Então, era o diretor e mais os chefes de departamentos. Então, era uma direção, a diretoria do ensino era colegiada.

PERG.: VOCÊ QUER FALAR UM POUQUINHO MAIS SOBRE OS DEPARTAMENTOS?

RESP.: O departamento nosso chamava: Departamento de Educação Visual e Teatro.

PERG.: QUANTOS DEPARTAMENTOS ERAM AO TODO? VOCÊ SE LEMBRA? EU QUERIA SE VOCÊ PODERIA NOS DAR OS NOMES, SE VOCÊ SE LEMBRA, OS NOMES DAS DISCIPLINAS QUE ERAM DADAS. COMO É QUE O CURRÍCULO ERA CONSTITUÍDO?

RESP.: Olha, isso aí, eu vou tentar assim, de memória. Mas isso eu teria por escrito. Eu poderia passar depois... (ENTREV: TÁ ÓTIMO! TUDO BEM!) - Porque a diferença entre, vamos dizer, qual era a diferença entre o científico e o clássico? O clássico tinha mais humanas e o científico tinha mais exatas. Quer dizer, era na quantidade inclusive, da matéria, do número de horas/aula e, por exemplo, a parte de línguas. No clássico eram voltado mais para a parte de línguas. Tinha: Espanhol, tinha... latim não me lembro se ainda tinha; mas espanhol, com certeza tinha.

PERG.: E O DEPARTAMENTO; O MESMO DEPARTAMENTO DAVA AULA PARA TODOS OS TIPOS DE CURSO?

RESP.: Exato! Os professores ficavam sediados nos departamentos.

Mas você tanto dava aula para o científico, para o clássico, como no normal. Dependia da grade horária, ^mcompreende? Mas você não era específico de um curso, você dava aula em todos os cursos do segundo grau, não é? A não ser nas matérias específicas. Um professor de contabilidade, é claro, ele só dava aula no curso de contabilidade; o de eletrônica só dava aula nos cursos de, mas o de português, vamos supor, ele dava aula tanto no clássico, como no científico, como no normal, porque aí não teria necessidade. E esses departamentos, por exemplo, o departamento de música, ele chegou a ter um coral que viajou o Brasil com esse coral. (ENTREV.: QUE NOME?) - Coral: Villa-Lobos, dirigido pelo Prof. Reginaldo Carvalho, músico, Maestro, compositor. E a escola, isso é que a gente tem que caracterizar, a escola era horário integral. Então, a escola sendo horário integral para o aluno e para o professor, ele além das horas normais de aula, ele tinha o que se chamava, ou de clubes, ou mesmo que não fosse num determinado clube, ele tinha acesso. Então, os alunos de música ficavam no departamento de música. Então, tinha conjunto, tinha instrumento. Então, os que eram ligados à parte mais de educação física, ficavam na parte de educação física. Quer dizer, ele tinha mais de uma opção para ele ocupar o seu período complementar. E como se tinha essa direção colegiada, era possível, pelo menos, se tentar ver a escola como um todo. Se o aluno tinha um problema, tinha o seu orientador; chamavam os professores de: Orientadores. Então, tinha o departamento de psicologia e de orientação educacional. Então, as coisas não eram resolvidas no "gosto ou não gosto". Se tentava entender o próprio aluno, sendo o agente do processo e tendo se submetido a um processo. Então, fazia com que realmente, a coisa tivesse uma unidade. Havia divergências, quer dizer, um professor defendia uma idéia e o outro defendia outra, mas havia um consenso na prática, de qual seria o melhor caminho. Os alunos eram organizados, havia diretório acadêmico e com uma grande participação.

PERG.: A PARTIR DE QUANDO OS ATOS FICARAM ORGANIZADOS, SEMPRE? FOI DESDE QUANDO COMEÇOU?

RESP.: Olha, eles começaram a se organizar, mais assim, de uma maneira talvez, mais evidente, em 61, porque em 60, é aquela coisa que eu falei, se começou com um número determinado de alunos e foi crescendo o número, não é? Então, essa coisa foi ficando meio desordenada. Do mesmo jeito que começou com um número de professores e de repente já tinha um número muito maior. Agora, eu acho que a primeira grande problemática do ensino de Brasília, além dessa parte pedagógica, porque afinal da experimentação podia, mas na prática, algumas coisas realmente eram conquistas e não aceitação plena, foi o próprio posicionamento do MEC, em relação a esse grupo de professores. Então, foi prometido, no saguão do MEC quando se acabou os selecionados, haviam mapa, maquetês, uma maquete dos apartamentos, as condições da cidade. Então, a cada professor era apresentado esse tipo de apartamento, o tipo dos móveis do GTB, que era o grupo de trabalho de Brasília. Então, cada um escolheu dentro do seu gosto ou de sua necessidade, não é? Um apartamento de dois quartos, três quartos, quatro quartos... Então, era amplo o leque de opções; com mobília sem mobília, com direito a levar, a não levar; pago, não pago. (RISOS) - (ENTREV.: PARECE MENTIRA, MAS É VERDADE, NÃO É?) - Bom, quando nós chegamos, mas a realidade sempre prevaleceu. Quando nós chegamos, os tais apartamentos prometidos não estavam prontos. Então, os professores foram todos conduzidos para a 412 e 13 sul.

PERG.: ERA ISSO QUE EU IA LHE PERGUNTAR AINDA E FICOU PARA TRAZ AONDE VOCÊ TINHA IDO MORAR?

RESP.: É! 412 sul ou os apelidados apartamentos JK; janela e kitnet. E, no bloco atrás ou na quadra ao lado, eu não sei se na mesma quadra ou nos blocos ao lado moravam os médicos, que tinham vindo também de alguma maneira, numa motivação semelhante a dos professores. E nesse apartamento de quarto e sala, que são até bem divididos por dentro; eles têm

um problema de serem ao nível do chão. E aquilo se hoje não é muito problema, em 60 era trágico, porque como não tinha asfalto e não tinha calçamento, a lama era proporcional ao andar (RISOS). Então, e aí, dizendo que era uma medida provisória e que no máximo 15 dias ou um mês, os professores receberiam as unidades prometidas. Tinha um ônibus da CASEB, que era um ônibus branco, ele passava assim, às 7 horas da manhã na pista principal, que hoje eu não tenho idéia assim, mas eu sei que a gente era uma corrida para você pegar o tal do ônibus, porque ele não parava assim; ele parava o mais próximo que ele podia, mas esse mais próximo você tinha que correr... (ENTREV.: NÃO SERIA A L2?) - Não! Era para o lado de cá; era para cima (ENTREV.: W3?) - É! Então, de manhã você escutava aquela batida de porta, porque era todo mundo batendo as portas correndo para pegar o ônibus, porque era a única condução, perdeu o ônibus você não ia trabalhar, porque também não tinha para onde ir, não era? Então, todo mundo pegava aquele ônibus. Agora, ao mesmo tempo que tinha professores solteiros e aí não ficaram no apartamento sozinho, ficaram 3, 4 por apartamento. Já tinham professores casados com filhos e que tinha que ficar todo mundo de qualquer jeito. E os que tinham optado por ter a mobília aqui, tiveram os apartamentos inteiramente vazios, porque se tinha mobília, ou não tinha mobília nenhuma (RISOS). Então, nós íamos nesse ônibus de manhã para o colégio, abriram uma cantina, então, como era horário integral se almoçava no colégio. Então, era de 7 da manhã à umas 8, 9 horas da noite que se voltava para o JK. Era essa a jornada de trabalho. Não tinha outra opção. (ENTREV.: TOMAVAM REFEIÇÕES ONDE?) - Tinha uma cantina na própria CASEB; tinha uma cantina. Tudo na base na improvisação. (ENTREV.: SUBSIDIADO OU VOCÊS PAGAVAM AS REFEIÇÕES?) - Não, a gente pagava as refeições; a gente pagava as refeições. E inclusive, por exemplo, a montagem do CASEB para ter a aula inaugural com o Juscelino foi feita pelos professores. De limpar, botar cadeira, de arrumar, porque era realmente... mas um entusiasmo... (ENTREV.: TODO MUNDO) - É! A idade que eles limi

taram para esse concurso inicial, tinha que ter no máximo 40 anos. Eu acho que se tinha gente nessa faixa era muito pouco. A maioria era, realmente, era gente mais nova. Bom, e aí fomos ficando nessa história do JK e com essa jornada extensa, porque se vivia em função da escola, não tinha outro como sair; e depois de algum tempo, se conseguiu, o cinema Brasília já existia, uma vez por semana esse ônibus pegava quem pudesse para ir levar ao cinema. E aos sábados de manhã; isso era durante a semana; aos sábados de manhã, o ônibus também passava cedinho e levava todo mundo para o Núcleo Bandeirante, que era para comprar comida, porque era o único lugar que tinha, para que durante a semana você ter alguma coisa em casa, não é?

PERG.: JÁ HAVIA ALGUM CLUBE OU ALGUM OUTRO LUGAR DE LAZER OU NÃO?

RESP.: Não! Clube não. Existiam as cantinas do... (ENTREV.: O CINE BRASÍLIA!) - É! O Cine Brasília. As cantinas do... aliás, eu nem sei se é Brasília ou Cultura que a gente... (ENTREV.: CULTURA! CULTURA NA W3!) - A gente ia uma vez por semana ao cinema (RISOS). E tinha as cantinas também de comida; do mesmo jeito que tinha os postos de saúde tinha as cantinas. Tinha a cantina do Banco do Brasil, cantina do IAPTEC, cantina do IAPI. Então, você também tinha a opção de comer nessas cantinas, desde que tivesse condução para chegar numa delas.

* PERG.: JÁ HAVIA O ^{KASCHRE} CASEB 13 TAMBÉM?

X RESP.: Olha, o ^{KASCHRE} CASEB 13 foi... não, o que tinha na W3 depois, logo depois que a gente tomou essa consciência, não sei se era o ^{KASCHRE} CASEB 13. Tinha o (1 INAUDIVEL), que era um dos primeiros que tinha na W3, que não existe mais e o pessoal ia para a cidade livre. A cidade livre é que realmente, Núcleo Bandeirante que chamava cidade livre, não é? É que tinha as coisas, só precisava você ter como se deslocar.

PERG.: VOCÊ TINHA CRIANÇAS PEQUENAS?

RESP.: Eu tinha essa que tinha nascido no estágio.

PERG.: E OUTRAS PESSOAS TINHAM FILHOS PEQUENOS? E O QUE FAZIAM COM ESSAS CRIANÇAS, POIS A JORNADA DE TRABALHO ?

RESP.: Tinham filhos? É! O problema era esse, é que tinha sido prometido que quando a chegaria, a escola além de ter cantina teria creche. As — — — teriam todas, exatamente por a escola ser horário integral. É claro que não tinha, não é? Não tinha creche. Eu, quer dizer, como dos professores, a única que tinha, por exemplo, assim, um bebezinho recém nascido era eu, existia, como eu falei, a escola tinha setores. Então, tinha um departamento no CASEB ainda de economia doméstica... Então, como eu tinha esse bebezinho muito pequeno e tinha nascido assim, em pleno estágio dos professores, foi mais ou menos adotado; chamava de Casebinha, não é? Foi mais ou menos adotado. Então, eu levava para a escola e ela ficava no departamento de economia doméstica. Então, todo intervalo de aula eu ia lá, amamentava. E como na hora do almoço a gente ficava e na hora do jantar também, aí eu pegava ficava as duas horas que a gente tinha entre um período e outro e depois deixava lá. E por sorte, era um bebê super tranquilo (ENTREV.: SAUDÁVEL, NÃO É?) É! Então, ficava dormindo enquanto eu estava dando aula e na hora de ir embora eu levava para casa. Eu saía (ENTREV.: BEBÊ PORTÁTIL, NÃO É?) (RISOS) - É! Ficava tomando conta. Agora, isso assim, era muito solidário. Você tinha realmente. tinha que contar com o companheirismo dos outros. Só que esse acúmulo de trabalho, essa jornada assim, intensa, esse problema do ônibus, porque se um perdia o ônibus era um problema incrível para a escola inteira, porque um tinha que substituir o outro. Então, se você já tinha seis aulas naquele dia, por algum motivo um professor não ia, você tinha que dar oito, porque os alunos não ficavam sem aula, porque também não tinham para onde ir.

PERG.: TINHA TELEFONE NAS ESCOLAS?

RESP.: Tinha telefone, tinha! Porque quando eu vim para o estágio eu já comprei o telefone. Foi a primeira venda de telefone eu comprei no próprio estágio esse telefone. Então, agora, só telefonar para onde? (RISOS) O problema era esse, era telefonar para onde que você ia ficar telefonando (RISOS).

× PERG.: A PERGUNTA ... FICAR ILHADO MESMO. NÃO PODIA IR, NÃO PODIA AVISAR QUE PERDEU O ÔNIBUS?

RESP.: Não, não! Tinha telefone! Mas não em todos tinham telefone; pouquíssimos tinham telefone. Então, é claro que à medida que você aumenta a jornada de trabalho e não oferece condições, nem as que tinham sido prometidas, isso, com o passar do tempo, foi criando, gerando problemas, porque é esse problema que você diz, eu tinha um bebezinho, mas tinham outros que tinham mais filhos. Isso eram apartamentos de quarto e sala que mau dava, vamos dizer, a família, como é que você, naquela época, você poderia encontrar alguém para deixar, para tomar conta, não é? Dos filhos, não é? Então, eram problemas assim, que foram se avolumando e os professores insistindo numa resolução. A cantina também era precária, então você tinha problema de alimentação, você tinha problema de tudo, não é? De locomoção e de tudo mais. Então, os professores começaram a se reunir e a exigir do sistema educacional... (ENTREV.: ISSO, EM 61?) ...Não! Em 60; que cumprisse a parte prometida. E ao mesmo tempo os médicos também exigiam... (ENTREV.: -

) - ...Não! Por enquanto só reuniões dentro da própria escola. Em virtude da dificuldade de haver, realmente, uma resposta assim, individual, acabou sendo criada a primeira associação de professores do ensino médio de Brasília. Foi criado em 61, a primeira associação. E isso foi levando assim, acarretando problemas mesmo, porque a situação foi ficando cada vez mais complexa e não se via perspectiva de solução, porque a gente via que os apartamentos ficavam prontos e eram entregues para outros, já tinham sido prometidos para outras. E vemos perfeitamente que estava se chegando ao final do governo de Juscelino, que afinal o compromisso da educação e essa coisa prioritária era o dele e não de um governo que viesse depois, não é? Então, nós fomos tentando todos os níveis de argumentação para se chegar a uma solução desse problema, essencialmente da moradia e até que paramos, pela primeira vez, a escola. (ENTREV.: Em 60?) - Em 60! Paramos uma, duas, três vezes, mas com assim, a solidariedade to -

tal dos alunos, dos pais dos alunos. E então, recebemos a promessa de que as casas que eram da Caixa Econômica, porque no final do governo, o Juscelino já não conseguia ter coisas já, porque as coisas já estavam alocadas e ele não tinha, ele pessoalmente, como distribuir mais nada. Tinham as casas da Caixa Econômica, que ainda estavam em construção... (ENTREV.: AS CASAS POPULARES?) ...da Caixa Econômica, que era da Caixa Econômica do Rio de Janeiro, da Caixa Econômica de São Paulo. Então, essas casas que são ali na 708 sul, foram prometidas aos professores, que quando "ficassem prontas, ainda estavam em construção, que quando" ficassem prontas, seriam entregues a esses professores chamados: Pioneiros... (O TELEFONE TOCA) ...Então, esse problema da moradia, foi gerando problemas assim, mais sérios e foi se questionando o não cumprimento das promessas. Não só o problema da moradia, mas o problema da creche, o problema das condições assim, mínimas. Na medida que se exigia do professor uma dedicação integral e a escola realmente não tinha outra saída realmente, a gente acreditava que essa era a saída da escola, ao mesmo tempo não estava se respeitando uma parte do acordo feito. Então, começou, quer dizer, o movimento inicial dos professores, surgiu das próprias condições propostas pela cidade e pelo não cumprimento de promessas estabelecidas. E com isso, foi criada a associação de professores e nós terminamos o ano de 60 com um triste acontecimento. É que quando entrou-se no período de férias, ficou um pouquinho diferente do período regulamentar, porque a aula começou em Maio, o ano letivo terminou em Setembro, o primeiro semestre e depois o outro, eu tenho impressão que o outro terminou em Janeiro. Então, foi um pouquinho diferente da divisão que veio no ano seguinte. Os professores foram submetidos a uma nova avaliação... (ENTREV.: RENÉE, SÓ UM MINUTO!) - Tá!

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "B" DA FITA I, REFERENTE A ENTREVISTA DA PROF. RENÉE SIMAS.

.BSB / 04.02.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.